

## **AMBIÊNCIAS COMUNITÁRIAS EM ECOVILAS: REFLEXÕES SOBRE SUSTENTABILIDADE EFETIVA A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO NO V ENCONTRO CONTINENTAL DE COMUNIDADES**

### *COMMUNITY AMBIANCES IN ECOVILLAGES: REFLECTIONS ON EFFECTIVE SUSTAINABILITY BASED ON A CASE STUDY AT THE 5TH CONTINENTAL MEETING OF COMMUNITIES*

Juliana Viégas de Lima Valverde <sup>1</sup>; Ethel Pinheiro Santana<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Doutora | [juliana.valverde@fau.ufrj.br](mailto:juliana.valverde@fau.ufrj.br) | PROARQ/UFRJ | Rio de Janeiro, Brasil; <sup>2</sup> Doutora | [ethel@fau.ufrj.br](mailto:ethel@fau.ufrj.br) | PROARQ/UFRJ | Rio de Janeiro, Brasil.

#### **Resumo:**

Este trabalho investiga como experiências temporárias em comunidades sustentáveis, do tipo ecovilas, podem contribuir para enfrentar a crise climática. Apresenta um estudo exploratório com viés etnográfico, realizado no V Encontro Continental de Comunidades promovido pela Rede Latino-Americana de Ecovilas em 2025, em uma ecovila em Misiones, Argentina. Por meio de observação participante, ambiente construído e práticas sustentáveis foram avaliados com foco na identificação de ambiências comunitárias, conceito que expressa o entrelaçamento entre sujeitos e espaço em torno de um bem comum. Nota-se que eventos que simulam modos de vida sustentáveis promovem sensibilização socioambiental e relações afetivas mais profundas entre pessoas e natureza. Conclui-se que ambiências comunitárias integram dimensões do viver coletivo e soluções baseadas na natureza, e que, a articulação em rede do movimento de ecovilas fomenta práticas e inovações sustentáveis, sendo a governança um componente transversal às dimensões de sustentabilidade, capaz de responder aos desafios locais e inspirar reflexões globais.

#### **Palavras-chave:**

*Comunidades intencionais; Ambiências sensíveis; Movimento de Ecovila; Dimensões de Sustentabilidade; Práticas Sustentáveis.*

#### **Abstract:**

This paper investigates how temporary experiences in sustainable communities, such as ecovillages, can contribute to addressing the climate crisis. It presents an exploratory ethnographic case study conducted at the 5th Continental Community Gathering promoted by the Latin American Ecovillage Network in 2025, held in an ecovillage in Misiones, Argentina. Through participant observation, the built environment and sustainable practices were evaluated with a focus on identifying community ambiances, a concept expressing the interconnection between subjects and space around a common good. It is noted that events simulating sustainable lifestyles promote socio-environmental awareness and deeper affective relationships between people and nature. The study concludes that community ambiances integrate dimensions of collective living and nature-based solutions, and that the ecovillage movement's networked articulation fosters sustainable practices and innovations, with governance as a transversal component of sustainability dimensions, capable of addressing local challenges and inspiring global reflections.

#### **Keywords:**

*Intentional communities; Sensitive Ambiances; Ecovillage movement; Dimensions of sustainability; Sustainable practices.*

## 1. INTRODUÇÃO

Há décadas, grupos de pessoas buscam alternativas aos modos de vida e de sociabilidade hegemônicos, integrando práticas orientadas para a sustentabilidade e questionando a lógica capitalista. Nesse contexto, o surgimento de ecovilas se alicerça na crítica à globalização e aos limites do crescimento contemporâneo. Apoiados por visões de resistência e utopia, esses grupos optam por viver comunitariamente. Tais iniciativas intencionais e sustentáveis visam transformar os contextos vigentes por meio da criação subjetiva de lugares coletivos, promovendo configurações socioespaciais mais amplas e integradoras. O interesse pelo desenvolvimento de tecnologias socioambientais, reflexões sobre identidade e práticas locais, empoderamento social, visão holística e noção de rede constituem princípios e práticas em ecovilas (Santos Jr., 2016).

No mundo contemporâneo, o modo de vida de indivíduos e sociedades está em constante movimento. Impulsionado por pequenas mudanças horizontais cotidianas e verticais, fruto de avanços tecnológicos. Essa estrutura de vida em rede impõe uma outra lógica, que altera noções de hierarquia, privacidade, cidadania e consumo. Nessa perspectiva, somos agentes do presente e do futuro capazes de nos valer de tecnologias colaborativas, educação e conhecimento (Lemos e Di Felice, 2014) em prol de comunidades sustentáveis atreladas a novos contextos de sensibilidade.

Nesse cenário, as ecovilas despontam como assentamentos multifuncionais voltados à sustentabilidade e autossuficiência, cuja concepção se dá por meio de projetos participativos (Valverde, 2022). São compreendidas como comunidades sustentáveis que, ao adotarem práticas que articulam cuidado com o território, reconexão sensorial e transformação coletiva, buscam solucionar desafios locais e promover reflexões globais sobre sustentabilidade efetiva. As ecovilas questionam a forma como percebemos e agimos nos espaços que habitamos, evocando mudanças profundas no modo de produzi-los, que, segundo Thibaud (2012), permeiam todos os espaços da vida cotidiana. Assim, as ambiências se revelam por meio da experiência sensível contemporânea.

Segundo Guerra (1993), estudos sobre a vida cotidiana devem considerar o grau de consciência dos atores na condução de seus destinos, individuais ou coletivos, visando compreender os níveis de racionalidade e irracionalidade nas práticas sociais. Nessa direção, encontros promovidos pelo movimento de ecovilas, ao simular modos de vida sustentáveis, podem estimular comportamentos futuros alinhados à sustentabilidade efetiva, por meio de vivências de sensibilização socioambiental e vínculos afetivos entre pessoas e natureza, aspectos que corroboram com o conceito de ambiências comunitárias, termo agenciado na pesquisa pós-doutoral da autora, que expressa o entrelaçamento entre espaço e sujeitos em torno de um bem comum.

Diante do exposto, este artigo apresenta um estudo de caso realizado no V Encontro Continental de Comunidades<sup>1</sup> (ECCO 2025), promovido pela rede Latino-Americana de ecovilas. A fim de investigar como experiências temporárias em comunidades sustentáveis autogeridas podem contribuir para o enfrentamento da crise climática, discute-se a relação entre ambiências comunitárias em ecovilas, práticas cotidianas e dimensões de sustentabilidade.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA: ECOVILAS, SUSTENTABILIDADE E COMUNIDADE

A necessidade de reinvenção dos modos de vida está relacionada à busca por comunidades genuínas, isto é, “espaços para a experimentação da solidariedade, de laços sociais colaborativos, alinhados com as demandas de nosso tempo” (Simas, 2013, p.133). Nesse contexto, as ecovilas se destacam como comunidades intencionais que propõem modos de vida alternativos ao modelo hegemônico, no qual o ambiente construído é a expressão material de uma visão de mundo

---

<sup>1</sup> O Encontro Continental de Comunidades (ECCO) é um encontro presencial itinerante, que ocorre em ecovilas latino-americanas desde 2012. Promovido pelo Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina (CASA Latina), vinculada à Global Ecovillage Network (GEN), o evento reúne comunidades sustentáveis, ecovilas, aldeias tradicionais e projetos regenerativos da América Latina para troca de saberes, articulação em rede e fortalecimento de práticas sustentáveis, sendo um momento de mobilização e celebração da rede (CASA Latina, 2025).

partilhada (Valverde, 2022). Práticas cotidianas sustentáveis em ecovilas, Permacultura<sup>2</sup> e ambiências comunitárias apontam caminhos para uma sustentabilidade efetiva, que clama por ser incorporada em estratégias de projetos urbanos.

Apesar de, em geral, a literatura destacar a abrangência do tema, a ideia de sustentabilidade cunhada em meados da década de 1990 pelo sociólogo britânico John Elkington apoia-se no tripé: social, econômico e ambiental. Nessa perspectiva, para ser sustentável, é preciso ser economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente responsável (Elkington, 1994).

Para a Rede Global de Ecovilas<sup>3</sup> (*Global Ecovillage Network – GEN*), a sustentabilidade se expressa em quatro dimensões: social, ecológica, econômica e cultural (ou visão de mundo). Segundo a GEN (2019), a dimensão social envolve respeito à diversidade, empoderamento de grupos historicamente excluídos, resolução pacífica de conflitos e convivência saudável; a dimensão econômica abrange a gestão sustentável de recursos naturais, justiça no acesso ao sustento e práticas de economia solidária; a dimensão ecológica trata da relação com a natureza e da mitigação de impactos socioambientais; e a dimensão cultural refere-se à conexão consigo mesmo e com outros seres, orientada por ética, interdependência e responsabilidade.

Incorporar a dimensão cultural ao conjunto de dimensões de Elkington (1994) acrescenta ainda mais uma camada de subjetividade e às discussões sobre sustentabilidade, possibilitando reflexões em esferas locais, regionais e globais, em especial quando a dimensão cultural (ou visão de mundo) são incluídas na construção de sociedades ecocentradas promotoras de culturas sustentáveis (Valverde, 2022) e no fortalecimento da noção de comunidade, proporcionadas por ambiências que instituem princípios regenerativos. Tais princípios envolvem práticas que vão além da sustentabilidade, buscando restaurar, revitalizar e fortalecer os sistemas vivos (ecológicos, sociais e culturais) em suas interdependências. Regenerar é criar condições para que a vida se perpetue em abundância, respeitando os ritmos naturais e promovendo a saúde dos ecossistemas e das comunidades humanas (Mang; Haggard, 2016).

Habitações coletivas e comunidades intencionais se destacam como um caminho para a sustentabilidade (Scotthanson; Scotthanson, 2004). As ecovilas manifestam grande diversidade em termos de experiências (Dawson, 2006), que envolvem processos participativos locais, os quais integram as dimensões social, cultural, econômica e ecológica (GEN, 2019), extrapolando a ideia de assentamento humano. Nessa perspectiva, ecovila pode ser definida como um lugar de aprendizado contínuo, dedicado a criar, testar e difundir metodologias e ferramentas para viabilizar uma nova forma de vida (GEN, 2019; Mattos, 2018), assim como um espaço de transformação do Eu e do Outro, seja o Outro pessoa ou ambiente – princípio básico da relação de alteridade promovida por ambiências (Thibaud, 2012).

Para tal, ecovilas adotam a autogestão, princípio organizativo fundamentado em práticas horizontais de tomada de decisão, cooperação mútua e corresponsabilidade coletiva, que se manifestam, por exemplo, nos mutirões para construção e manutenção do ambiente construído. Por meio de governança participativa, buscam romper com modelos hierárquicos tradicionais. Segundo Neves (2016), a autogestão em ecovilas orienta a organização interna e a distribuição de tarefas, constituindo-se como um eixo transversal à sustentabilidade, que integra suas quatro dimensões por meio da vivência cotidiana. Essa forma de gestão coletiva é constantemente reconfigurada por meio de assembleias, círculos de decisão e metodologias como a sociocracia e o consenso, favorecendo uma cultura organizacional baseada no diálogo, no cuidado e na corresponsabilidade.

As práticas cotidianas sustentáveis em ecovilas se expressam por meio de ações e atividades ecopedagógicas. Os saberes ligados à Permacultura, ao cuidado com os ciclos naturais e à

---

<sup>2</sup> A Permacultura é um sistema de planejamento para assentamentos humanos sustentáveis que se baseia na observação dos padrões da natureza, visando integrar práticas ecológicas, sociais e econômicas de modo permanente e regenerativo. Seu objetivo é criar sistemas produtivos que mantenham a diversidade, a resiliência e a estabilidade dos ecossistemas naturais (Mollison, 1988).

<sup>3</sup> Fundada em 1995, na Conferência 'Ecovilas e Comunidades Sustentáveis - modelos de vida para o Século XXI', tem como seu principal objetivo é encorajar o desenvolvimento de assentamentos sustentáveis ao redor do mundo.

autogestão favorecem a aprendizagem situada (Santana et al., 2021), configurando-as como “laboratórios vivos” (Mattos, 2018) de modos de vida sustentáveis (Valverde, 2022).

Assim, as ecovilas representam uma materialização prática dos princípios da Permacultura, que se fundamenta em três princípios éticos: cuidado com a Terra, cuidado com as pessoas e partilha justa. A lógica do cuidado propõe uma abordagem holística que integra aspectos ecológicos, sociais e econômicos na criação de sistemas sustentáveis (Mollison, 1988). Essas comunidades intencionais buscam integrar práticas ecológicas, governança participativa e educação ambiental, criando espaços onde os princípios da permacultura são vivenciados no cotidiano.

As percepções sensoriais do indivíduo são moldadas por contextos culturais, sociais e históricos, estando carregadas de subjetividades. O corpo humano é compreendido como uma instância ativa de conhecimento e expressão, funcionando como uma “inteligência do mundo” que interpreta e responde ao ambiente. Assim como a linguagem, o corpo atua como um produtor contínuo de significados, sendo uma teoria viva em constante interação com seu meio (Le Breton, 2016).

Quanto às relações comunitárias ressalta-se que a noção de ambiência urbana inclui aspectos socioculturais indispensáveis em sua apreciação (Tixier, 2007), assim como coloca à prova o ordinário do mundo urbano, precedendo e condicionando os elementos do espaço físico e sensível (Thibaud, 2012). Percebidas corporalmente e construídas socialmente nas interações cotidianas, as ambiências resultam da imersão dos sujeitos em determinados contextos. São vivenciadas por ritmos, práticas e usos compartilhados, para, ao fim, atrelarem-se às formas como os corpos habitam e se relacionam com o ambiente e entre si, por meio da afetividade (Thibaud, 2012).

Essa abordagem permite expandir o conceito de ambiência para contextos comunitários, como as ecovilas. Ainda que Thibaud (2012) não defina diretamente “ambiências comunitárias”, sua concepção de ambiente como experiência vivida e coletiva sustenta essa articulação. Nesses contextos, as ambiências comunitárias emergem de práticas cotidianas que envolvem o cuidado com o lugar e com os outros, reforçando vínculos de pertencimento, identidade e coesão. A arquitetura, nesse sentido, é meio de mediação sensível, dinâmico e relacional, co-produzido pela relação sensível entre sujeitos e espaço (Thibaud, 2011).

A integração entre Permacultura, espaços educadores sustentáveis e ambiências comunitárias nas ecovilas exemplifica uma abordagem sistêmica capaz de enfrentar os desafios socioambientais contemporâneos (Bevilacqua, 2022). Ao incorporar a lógica do cuidado em práticas educacionais e comunitárias, essas iniciativas promovem transformação cultural necessária em prol da sustentabilidade efetiva por meio de ambiências comunitárias pautadas na corresponsabilidade.

A autogestão configura-se como um atributo de sustentabilidade efetiva em comunidades sustentáveis, do tipo ecovila, favorecendo a construção de ambiências comunitárias que refletem modos de habitar coletivos. Esses modos são moldados por afetividades, ritmos, práticas e usos compartilhados, orientados pela lógica do cuidado. Esse conjunto evidencia a centralidade da dimensão social na sustentabilidade.

### **3. ESTUDO DE CASO: V ENCONTRO CONTINENTAL DE COMUNIDADES**

Para alinhar todas as considerações acima, um estudo de caso, de caráter exploratório e com abordagem de viés etnográfico foi realizado no V Encontro Continental de Comunidades (ECCO 2025), promovido pelo Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina (CASA Latina), em fevereiro de 2025, na ecovila La Espiral, localizada em Misiones, Argentina.

#### **3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO**

O CASA Latina é uma rede formada por oito redes nacionais e duas redes temáticas voltadas a jovens e nômades, sendo o elo latino-americano da Rede Global de Ecovilas (Bevilacqua; Kitzmann, 2024). A rede tem com o objetivo de influenciar a sociedade a realizar uma revolução cultural, impactando nas relações, na educação e na economia, a rede realiza bianualmente encontros continentais em ecovilas, em diferentes países da América Latina a cada edição. A edição de 2025

aconteceu do dia 01 ao dia 12 de fevereiro, na Ecovila *Reserva Natural La Espiral*, em Misiones, Argentina (Figura 1), reunindo mais de 100 pessoas de 13 países (CASA Latina, 2025).

Com área total de 50 hectares (ha), a ecovila ocupa área útil de aproximadamente 5ha. A Figura 2 apresenta uma vista aérea da ecovila, que possui duas edificações de uso coletivo e uma lagoa, formada a partir da inundação acidental da antiga pedreira, localizadas próximo ao acesso da ecovila (WOOF, 2024).

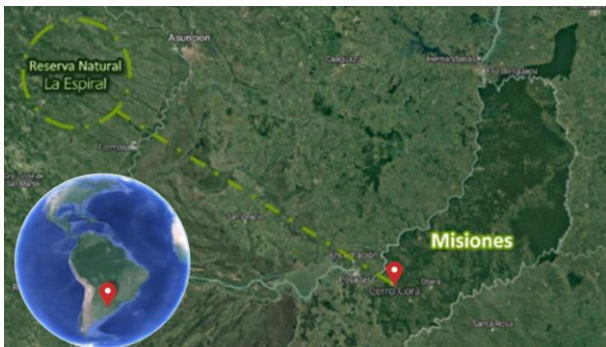


Figura 1: Localização de Misiones, Argentina e da ecovila Reserva Nacional La Espiral, onde foi realizado o V Encontro Continental de Comunidades em 2025.  
Fonte: Adaptado de CASA Latina (2025)



Figura 2: Vista aérea da ecovila Reserva Nacional La Espiral, onde foi realizado o V Encontro Continental de Comunidades em 2025.  
Fonte: CASA Latina (2025).

A infraestrutura da ecovila inclui construções permanentes e temporárias, e ambientes naturais. Dentre os principais ambientes construídos (Figura 3), destacam-se a Casa de Pedra (cozinha e refeitório comunitários, e alojamento), habitações coletivas e privativas, banheiros secos, composteiras, sistemas de coleta de água da chuva e de tratamento com fitorremediação, santuário (área cerimonial com espaço para fogueira), áreas de camping, uma lagoa e três trilhas interpretativas, concebidas como percursos pedagógicos de reconexão sensível (La Espiral, 2024).



Figura 3: Mapa como principais ambientes experienciados no ECCO2025.  
Fonte: os autores (2025).

A programação diária no ECCO 2025 se iniciava com atividades corporais como aulas de yoga, tai chi, ti cun e meditação. Em seguida era anunciado o café da manhã, servido no refeitório comunitário situado na varanda da Casa de Pedra. Após a harmonização dos espaços coletivos (“serviços amorosos”), e antes do almoço, ações e atividades para crianças e demais participantes, alinhadas com o tema “Regenerando Abya Yala”, ocorriam em espaços como o Círculo do Mate. O período após o almoço era destinado à *siesta*, seguido de práticas formativas (mutirões, oficinas e palestras). Ao final do dia, momentos de confraternização como roda de música, cinema ao ar livre e danças circulares eram realizados no santuário ou na área de atividade ao ar livre.

### 3.2. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo de caso, com viés etnográfico, adotou técnicas focadas no ambiente e na pessoa. A coleta de dados contou com diário de campo, análise documental, entrevistas informais, registros narrativos e audiovisuais e mapeamento de programa arquitetônico. Aproximou-se das atividades como observadora passiva, em momentos de contemplação, e observadora ativa, nas ações congregacionais. Por meio de observação participante (Spradley, 1980), ao longo de doze dias foram mapeadas mais de 200 ações e atividades em 23 espaços coletivos de convivência.



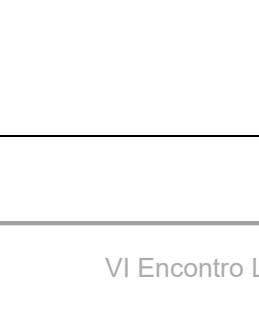
A avaliação qualitativa articulou subjetividade, sensorialidade e sustentabilidade para identificar as ambiências comunitárias. Para isso, foram mapeados os espaços coletivos mais significativos, considerando sua centralidade nas dinâmicas do encontro e a intensidade das interações sociais. Selecionaram-se o santuário, o refeitório comunitário (Casa de Pedra) e o círculo do mate, nos quais foram registradas práticas cotidianas como rituais, celebrações, preparo de alimentos e atividades de convívio. Com base nessas práticas, realizou-se uma análise interpretativa dos efeitos espaciais-sensoriais produzidos, com apoio nos aportes teóricos de Thibaud (2012). Buscaram-se efeitos como pertencimento, memória afetiva e sacralização do cotidiano. Posteriormente, cada ambiência foi relacionada às dimensões da sustentabilidade (GEN, 2019), observando como tais práticas expressam valores, cuidados e modos de vida alinhados à sustentabilidade efetiva. Por fim, adotou-se uma estrutura interpretativa para elaboração do quadro, compreendendo as ambiências como produções coletivas e situadas, que emergem da interação entre sujeitos, práticas e espaços, revelando camadas simbólicas, afetivas e éticas do cotidiano comunitário.




## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Práticas cotidianas são atividades e ações recorrentes que estruturam a vida diária em um determinado contexto social, espacial e cultural. Revelam modos de ser, valores, saberes práticos, relações de poder e modos de habitar, podendo operar como formas de criação, resistência ou adaptação às estruturas sociais (Certeau, 1994). Elencá-las permite compreender como as pessoas produzem sentido, se organizam coletivamente e transformam o espaço em que vivem. No ECCO 2025, elas expressam valores de sustentabilidade, regeneração, cuidado e convivência, articulando dimensões políticas, éticas e sensíveis da vida diária. As principais práticas observadas foram: preparar e servir alimentos vegetarianos; separar e destinar resíduos orgânicos à compostagem; realizar “serviços amorosos” (coletar lenha, harmonizar espaços comuns e higienizar banheiros secos); mutirões de agrofloresta e bioconstrução; rituais coletivos; informes e alinhamentos; cuidado com crianças; banho de lagoa; decisões em círculo com processos horizontais.

O Quadro 1 apresenta ambiências comunitárias mapeadas nos principais espaços coletivos de convivência do encontro: santuário, refeitório comunitário e círculo do mate. Nota-se que as ambiências comunitárias integram as dimensões de sustentabilidade de maneiras diversas, suscitando efeitos espaciais-sensoriais de acordo com as práticas cotidianas adotadas.

Ambiências comunitárias	
Área de cerimônia com espaço para fogueira (Santuário)	
	Práticas cotidianas
	Rituais coletivos: cerimônia de abertura e encerramento; oferendas e orações

	<b>Efeitos espaciais-sensoriais</b>
<p style="text-align: center;"><b>Dimensões de sustentabilidade</b></p> <p style="text-align: center;">Social e Cultural</p>	<p><b>Comunhão e pertencimento:</b> fortalecem o vínculo entre os participantes;</p> <p><b>Reconfiguração simbólica do espaço:</b> o espaço é temporariamente sacralizado, ganhando um sentido especial e coletivo;</p> <p><b>Marcação temporal e espacial:</b> inauguram e finalizam ciclos, delimitando momentos simbólicos no tempo e no espaço;</p> <p><b>Ancoragem afetiva:</b> criam memória espacial associada à emoção e ao rito.</p> <p><b>Espacialização do sagrado:</b> objetos, gestos e palavras transformam o espaço em lugar simbólico;</p> <p><b>Ritualização da paisagem:</b> natureza e ambiente construído ganham sentido espiritual e relacional;</p> <p><b>Cuidado e reciprocidade:</b> oferecer ou rezar reintegra o humano ao ambiente com intenção.</p>
	<b>Práticas cotidianas</b>
<p style="text-align: center;"><b>Dimensões de sustentabilidade</b></p> <p style="text-align: center;">Social e Cultural</p>	<p><b>Celebrações:</b> roda de música envolta da fogueira; danças circulares</p> <p style="text-align: center;"><b>Efeitos espaciais-sensoriais</b></p> <p><b>Ressonância vibracional do espaço:</b> o som modifica a acústica do ambiente;</p> <p><b>Corporalização da escuta:</b> o corpo responde com movimento, emoção e presença;</p> <p><b>Criação de territorialidade afetiva:</b> o espaço como lugar vivido e sentido em comum;</p> <p><b>Centralidade espacial:</b> o espaço organiza-se em torno de um centro simbólico;</p> <p><b>Copresença rítmica:</b> promove coordenação entre corpos e percepção coletiva do espaço;</p> <p>Experiência sensível de unidade: o movimento circular gera sensação de fluxo, união e harmonia.</p>
<b>Cozinha e Refeitório Comunitários (Casa de Pedra)</b>	
	<b>Práticas cotidianas</b>
<p style="text-align: center;"><b>Dimensões de sustentabilidade</b></p> <p style="text-align: center;">Ambiental, Econômica, Social e Cultural</p>	<p><b>Alimentação:</b> preparar e servir alimentos com receitas vegetarianas; comensalidade</p> <p style="text-align: center;"><b>Efeitos espaciais-sensoriais</b></p> <p><b>Aromatização e ativação sensorial do espaço:</b> o preparo de alimentos provoca a difusão de aromas, sons e cores, ativando os sentidos (olfato, paladar, tato e visão);</p> <p><b>Espacialização do cuidado:</b> o ato de cozinhar com intencionalidade expressa uma ética do cuidado com o corpo, o outro e com o planeta; a preparação coletiva valoriza os gestos manuais e o tempo processual;</p> <p><b>Comensalidade e vínculo social:</b> o ato de partilhar refeições gera um efeito de coesão grupal e pertencimento, transformando o momento da alimentação em um ritual de sociabilidade;</p> <p><b>Sacralização da rotina alimentar:</b> a repetição transforma o ato em rito informal; comer passa a ser mais do que nutrir, é comunicar, celebrar e regenerar.</p>
	<b>Práticas cotidianas</b>
<p style="text-align: center;"><b>Dimensões de sustentabilidade</b></p> <p style="text-align: center;">Social, Ambiental e Econômica</p>	<p><b>Feira:</b> Feira da abundância; troca de sementes; rifa</p> <p style="text-align: center;"><b>Efeitos espaciais-sensoriais</b></p> <p><b>Reconfiguração simbólica do espaço:</b> o local se transforma em um espaço-tempo relacional, consagrado à economia solidária, à troca simbólica e à valorização da produção local.</p> <p><b>Integração entre práticas econômicas e valores socioambientais:</b> a presença de produtos orgânicos e biodegradáveis materializa práticas sustentáveis no cotidiano.</p>
	<b>Práticas cotidianas</b>
	<p><b>Autogestão:</b> informes; recados; avisos; reunião; governança participativa</p> <p style="text-align: center;"><b>Efeitos espaciais-sensoriais</b></p>

	<p><b>Estímulo à serendipidade:</b> a abertura para a participação espontânea e criação colaborativa; efeitos espaciais que favorecem encontros, criatividade e conexões;</p> <p><b>Espacialização da interdependência:</b> fluxos colaborativos, apoio mútuo e organização compartilhada dos ambientes comuns; sentimento espacial de coesão sistêmica; favorece um sentido de corresponsabilidade espacial e sensorial.</p> <p><b>Desierarquização simbólica dos espaços:</b> os ambientes de autogestão assumem configurações mais abertas, democratiza o uso do espaço e contribui para uma experiência espacial horizontalizada.</p>
<p><b>Dimensões de sustentabilidade</b></p> <p>Social e Cultural</p>	
<b>Círculo do Mate</b>	
	<p style="text-align: center;"><b>Práticas cotidianas</b></p> <p><b>Práticas pedagógicas:</b> oficinas e palestras sobre Biocarvão, Comunicação Não-Violenta (CNV), Direitos da Mãe Terra (DMT), Lixo Zero, Ecoalfabetização e Sociocracia.</p>
<p><b>Dimensões de sustentabilidade</b></p> <p>Ambiental, Social, Econômica e Social</p>	<p style="text-align: center;"><b>Efeitos espaciais-sensoriais</b></p> <p><b>Ativação da escuta sensível e do silêncio compartilhado:</b> sintonia relacional;</p> <p><b>Materialização de valores ecológicos no espaço:</b> a terra, os resíduos, os ciclos e os materiais naturais geram experiências táteis, olfativas e visuais;</p> <p><b>Espaço como território de justiça ambiental e planetária:</b> interdependência entre humanos e natureza, ampliando a sensibilidade coletiva diante do não humano;</p> <p><b>Convivência como prática pedagógica sensorial:</b> interações horizontais, trocas espontâneas, saberes diversos transformam o espaço educativo em um lugar de afetos;</p> <p><b>Reconfiguração do espaço como campo de cidadania sensível</b></p>
	<p style="text-align: center;"><b>Práticas cotidianas</b></p> <p><b>Governança participativa:</b> Assembleia geral e Círculo da fala com bastão da palavra</p>
<p><b>Dimensões de sustentabilidade</b></p> <p>Social e Cultural</p>	<p style="text-align: center;"><b>Efeitos espaciais-sensoriais</b></p> <p><b>Espacialização da escuta ativa:</b> respeito, pausa e atenção plena.</p> <p><b>Configuração do espaço em forma circular:</b> igualdade perceptiva e afetiva</p> <p><b>Copresença e intervisibilidade:</b> reforça vínculos comunitários</p> <p><b>Transformação do espaço em território político-afetivo:</b> espaço como lugar de exercício da cidadania comunitária e da governança horizontal.</p>

Quadro 1: Ambiências comunitárias e suas dimensões de sustentabilidade.

Fonte: as autoras (2025).

Práticas como rituais coletivos, cerimônias, celebrações musicais, danças circulares, meditação, oferendas e orações geram efeitos espaciais-sensoriais que ampliam a experiência dos participantes em relação ao espaço vivido. Assim, criam ambiências que ativam sentidos, vínculos e significados compartilhados. Rituais e cerimônias marcam simbolicamente o tempo e o espaço e promovem pertencimento e comunhão. Práticas de introspecção, como meditação e oração, favorecem a interiorização e a sutileza sensorial, criando atmosferas de quietude e escuta profunda. Oficinas e palestras sobre temas como biocarvão, comunicação não-violenta (CNV), direitos da mãe Terra (DMT), ecoalfabetização, lixo zero e sociocracia, realizadas no Círculo do Mate, geram efeitos que vão além da transmissão de conhecimento, modulando o ambiente construído e a experiência sensível dos participantes em processo de transformação em comunidade.

Constata-se que os efeitos espaciais-sensoriais das ambiências comunitárias reforçam o senso de comunidade e que as práticas sustentáveis promovem conexão com a natureza. Tais efeitos referem-se às experiências sensíveis que emergem da interação entre corpo, espaço e atmosfera, percebidas por meio dos sentidos e envolvendo elementos como luz natural, texturas, sons, temperaturas, cheiros, escalas e fluxos espaciais. Essas experiências não são neutras, pois são moldadas pela cultura, pelo uso social do espaço e pelos modos de habitar. Assim, os efeitos espaciais-sensoriais da experiência imersiva em uma comunidade temporária articulam dimensões físicas, simbólicas e afetivas do espaço vivido.

## 5. CONCLUSÕES

Dentre os desafios do estudo, ressalta-se a integração das dimensões da sustentabilidade, cuja interdependência torna imperativa uma abordagem sistêmica para articular subjetividade, arquitetura e sustentabilidade. Eventos organizados por redes de ecovilas mobilizam subjetividades em diálogo com a ideia de vida em comunidade e sua proposição enquanto processo de transição societária. A investigação no contexto brasileiro permite observar essas dinâmicas em distintas ambiências e contextos, reforçando a importância de expandir a pesquisa para o território nacional. Estudos em ecovilas brasileiras podem ampliar o entendimento das ambiências comunitárias, aprofundando as reflexões sobre sustentabilidade efetiva e modos de vida sustentáveis.

Ambiências de ecovilas podem constituir um campo de experimentação e aprendizagem coletiva em prol de modos de vida sustentáveis, como o ECCO comprova, com potencial para inspirar práticas sustentáveis, pautadas em valores como cooperação, cuidado e crítica à lógica extrativista dominante, apontando caminhos para uma sustentabilidade efetiva.

Em consonância com a lógica do cuidado da Permacultura (Mollison, 1988), as ambiências comunitárias percebidas no ECCO 2025 promovem uma revisão crítica das formas de relação entre os indivíduos, as coletividades e os territórios, ampliando o entendimento da arquitetura sustentável para além do aspecto técnico, inserida no campo das experiências sensíveis, éticas e culturais que fundamentam e contribuem para um debate ampliado do ambiente construído.

No campo da arquitetura e do urbanismo, espaços educadores sustentáveis de ecovilas podem ser compreendidos como ambiências comunitárias que materializam práticas cotidianas sustentáveis, influenciando estilos e modos de vida capazes de enfrentar a crise climática. Esses espaços buscam neutralizar ou compensar seus impactos por meio da incorporação de tecnologias apropriadas e soluções baseadas na natureza e funcionam como laboratórios vivos para a experimentação de novos modos de habitar que integrem o bem-estar humano e a saúde dos ecossistemas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLEZE, G.; BERNARDES, M. E. C.; PIMENTA, C. A. M.; NUNES Jr., P. C. Ecovilas brasileiras e indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE: uma análise comparativa. **Ambiente & Sociedade**, v. XX, n. 1, p. 227–244, 2017.

BEVILACQUA, B. S. **Educação ambiental em comunidades do movimento de ecovilas brasileiro**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2022.

BEVILACQUA, B. S.; KITZMANN, D. I. S. Panorama da dimensão educacional das comunidades integrantes do Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina (CASA). In: RODRIGUES, H. R. S.; GENTIL, N. Z. (Orgs.) **Anais do XV EDEA**. Rio Grande: Editora da FURG, 2024. p. 185–197.

CASA LATINA. **Cartilla con información general ECCO2025**. Disponível em: <https://redcasalatina.org/ecco-2025/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAWSON, J. **Ecovillages**: New Frontiers for Sustainability. Schumacher ed. Bristol: Green Books, 2006.

ELKINGTON, J. **Towards the Sustainable Corporation**: Win-Win-Win Business Strategies for Sustainable Development. *California Management Review*, v. 36, n. 2, p. 90–100, 1 jan. 1994.

GEN - GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. **What is an Ecovillage**: Discover Innovative Eco Communities. Disponível em: <https://ecovillage.org/projects/what-is-an-ecovillage/>. Acesso em: 18 maio. 2019.

GUERRA, I. Novos percursos e novos conceitos. **Sociologia - Problemas e Prática**, n. 13, p. 59–74, 1993.

LA ESPIRAL. **Reserva Natural Regenerativa La Espiral** (Perfil Instagram). Disponível em: <https://www.instagram.com/laespiralnatural/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEMO, A.; DI FELICE, M. **Vida em rede: conectividade móvel, mobilidade e técnica**. São Paulo: Paulus, 2014.

MANG, P.; HAGGARD, B. **Regenerative Development and Design: A Framework for Evolving Sustainability**. Hoboken: Wiley, 2016.

MATTOS, T. P. **Ecovilas: a construção de uma cultura regenerativa - Uma etnografia de Findhorn, Escócia**. Norderstedt: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

MOLLISON, B. **Permaculture: a designer's manual**. Tyalgum: Tagari Publications, 1988.

NEVES, B. G. **Gestão de ecovilas: valores da permacultura, governança e seus desafios**. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178593>. Acesso em: 02 maio 2025.

SANTANA, E. S.; SANTOS, L. L. R.; RABBANI, A. R. C.; RABBANI, R. M. R. Ecovilas, o que podemos aprender com uma nova definição ancorada na construção deste fenômeno hodierno?. **Revista Sustinere**, 9, 35–50, 2021.

SANTOS JR., S. J. **Zelosamente Habitando a Terra: ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas**. [s.l.] Universidade Federal da Bahia, 2016.

SCOTTHANSON, C.; SCOTTHANSON, K. **The Cohousing Handbook: Building a place for community**. 1ªed. Gabr ed. Canada: New Society Publishers, 2004.

SPRADLEY, J. P. **Participant observation**. New York: Holt, Rinehart & Winston, INC, 1980.

THIBAUD, J-P. **The Sensory Fabric of Urban Ambiances**. *Senses and Society*, 6 (2), pp.203-215, 2011. Disponível em: <https://hal.science/hal-00978343/document>. Acesso em: 02 maio 2025.

THIBAUD, J-P. A cidade através dos sentidos. **Cadernos PROARQ**, v. 1, n. 18, p. 198- 213, 2012.

TIXIER, N. Ambiances urbaines: objets, méthodes et perspectives. **Communications**, v. 81, n. 1, p. 93–103, 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-communications-2007-1-page-93.htm>. Acesso em: 13 maio 2025.

VALVERDE, J. V. L. **O papel dos ambientes coletivos de convivência no modo de vida: buscando nexos entre elementos de projeto arquitetônico e modos de vida sustentável em duas ecovilas brasileiras**. 2022. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

WWOOF. **La Espiral es un proyecto integral**. WWOOF Independents. Disponível em: <https://woofindependents.org/en/host/54517-la-espiral-es-un-proyecto-integral-que-se-expande-en-los-ejes-ecologico-social-y-espiritual>. Acesso em: 30 abr. 2025.

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pelo apoio financeiro concedido por meio de Bolsa pós-doutoral, à Rede CASA Latina e CASA Brasil, à comissão organizadora do ECCO 2025, aos membros da ecovila La Espiral e as parceiras de pesquisa em prol da Regeneração Beatriz Arruda e Bruna Bevilacqua.